



Gabinete da Presidência

CÓPIA

Rjo, 12.11.07

Prezado Cel Carlos Ramos de Alencar

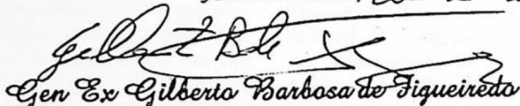
Acuso o recebimento da correspondência com seu artigo alusivo à proclamação da República.

O trabalho atesta seu profundo conhecimento sobre aquele movimento histórico e seus antecedentes.

Agradeço a colaboração e o prestígio que tem devotado à atual administração do nosso Clube.

O artigo foi encaminhado ao Conselho Editorial da Revista para apreciar a viabilidade e oportunidade da publicação.

Atenciosamente, *com um abraço*


Gen Ex Gilberto Barbosa de Figueiredo
Presidente do Clube Militar

A PROCLAMAÇÃO DA REPÚBLICA

15 de novembro de 1889

* Carlos Ramos de Alencar

No dia 15 de novembro de 1889, há 118 anos, portanto, ocorria no Rio de Janeiro um episódio da maior significação para os destinos da Pátria. O Brasil abandonava o regime monárquico, fundado nos privilégios outorgados a uma Família Real, para adotar o regime republicano.

O advento da República se fez sem derramamento de sangue, à exceção do incidente: com o enérgico **Barão de Ladário** (Almirante José da Costa Azevedo), Ministro da Marinha, ferido na troca de tiros com um oficial, que lhe dera voz de prisão ao dirigir-se para a reunião do Ministério no QG do Exército.

Embora emancipada politicamente desde 1822, a nação aspirava um Governo exercido pela livre vontade do povo, em que prevalecesse a plena igualdade de direitos e deveres entre todos os cidadãos.

Esse ideal republicano, aliás, já tão bem manifestado no Rio Grande do Sul durante a Revolução Farroupilha (1835-1845), surgira de um processo lento e persistente, iniciado antes mesmo da nossa independência.

Mas não é possível evocarmos a data da Proclamação da República, sem uma referência ao papel preeminente desempenhado pelo Exército nos dramáticos acontecimentos que, então, se desenrolaram na Capital Federal em torno do Campo de Santana (atual Praça da República).

No que tange à Marinha, cumpre assinalar que o movimento conspiratório não encontrara ressonância na maioria dos seus quadros; houve quem estimasse, mesmo, em 80% os chefes decididamente monarquistas. Contudo, a atuação rele-

vante do Almirante Eduardo Wandenkolk, iria proporcionar a atitude desassombrada do Capitão-Tenente Alexandrino Faria de Alencar, comandante interino do poderoso encouraçado Riachuelo, ao desembarcar no cais do Arsenal de Marinha, no dia 15, à frente de um contingente de 400 homens, dos encouraçados Riachuelo e Aquidaban, armados e prontos para a luta, já subjugada no mar toda e qualquer resistência. Deodoro, Benjamin Constant e um agrupamento do



O encouraçado Riachuelo

Exército vão confraternizar, no Arsenal, com as forças navais.

Na mesma manhã, o Visconde de Ouro Preto (Afonso Celso de Assis Figueiredo), Presidente do Conselho de Ministros, solicitava ao Imperador, por telegrama, a exoneração do cargo, reconhecida a impossibilidade de prosseguir na luta.

As 14 horas, D. Pedro II recebia notificação do Chefe do Governo Provisório de que lhe era dado o prazo de 24 horas para deixar o território brasileiro, com todas as pessoas de sua família.

Ao alvorecer do dia 17, a Família Imperial rumava para o exílio em Lisboa, no vapor Alagoas, comboiado pelo "Riachuelo", até o limite da linha do Equador.

Enfim, não fora, o prestígio pessoal de Deodoro, fiel intérprete dos anseios de seus camaradas de farda, que eram os do próprio povo; a ação catequizadora de Benjamin Constant, verdadeira alma do movimento militar, e a adesão oportuna de Alexandrino à causa republicana, com o apoio da Esquadra, e o Brasil não teria desfrutado das condições que o levaram a alcançar o grau de desenvolvimento dos dias de hoje, de novas condições de vida, bem como de uma nova ordem econômica, política e social.

Os antecedentes do Movimento Militar

1 - A situação do país nos anos de 1870/1879

Algum tempo depois de regressar da Campanha do Paraguai, coberto de glórias, o General Manoel Luiz Osório, herói legendário, foi procurado para chefiar um movimento a favor da implantação da República. Apesar de ainda bem vivo o incidente com o Ministro Zacarias de Góes e Vasconcelos, que criticara injustamente no Congresso o Marquês de Caxias, comprometendo o conceito do Governo de Pedro II perante as Forças Armadas, Osório não cedeu aos apelos, e assim respondeu ao seu credenciado interlocutor:

"A República ainda não é uma idéia triunfante na opinião nacional. A espada que se desembainhasse agora traduziria uma imposição. A que ora cinjo é para os inimigos da Pátria e não para tiranizá-la."

Em Outubro de 1879, desaparecia Osório, aos 71 anos de idade, como Ministro da Guerra. Sete meses depois, chegava a vez de Caxias, cinco anos mais velho. *"Com o falecimento dos dois grandes chefes, o equilíbrio da balança do Poder Moderador se desfez e o declínio do Império foi uma consequência histórica."* (José Honório Rodrigues - "História Combatente").

2 - O agravamento da situação

Os tempos correram. E no período de 1886/87, o Ministro Cândido Mota, do Supremo Tribunal Federal, assim resumia a situação do país:

"O regime monárquico procurava amesquinhar o soldado brasileiro e queria sobreviver na ostentação de privilégios e na exploração do braço escravo."

Pedro II, atribulado com o seu estado de saúde, cultivava um certo ceticismo quanto aos rumos políticos do país. No que concerne às Forças Armadas, as queixas contra a indiferença do Imperador e de seu Gabinete se avolumavam. Desde o término da Guerra do Paraguai, elas se ressentiam da falta de meios adequados para o seu melhor adestramento.

Já, então, as lições de patriotismo, ministradas pelo Ten-Cel Benjamin Constant, de sua cátedra na Escola Militar da Praia Vermelha, calavam fundo no espírito da mocidade militar. Embora a propaganda republicana tivesse abalado a consciência do povo, através das manifestações, pela imprensa, de Quintino Bocaiuva, Aristides Lobo, Rui Barbosa e outros baluartes da idéia democrática, o objetivo almejado não seria alcançado, tão rapidamente, se uma plêiade de oficiais do Exército, dispostos a uma ação revolucionária, não encontrasse, para coordená-la e orientá-la, a figura carismática de Benjamin Constant e, mais adiante, o braço vigoroso do General Deodoro da Fonseca, a despeito dos problemas de saúde com que se defrontava.

3 - A conspiração nos quartéis

Benjamin intensifica o seu trabalho de proselitismo no meio militar, a partir de Outubro de 1889, e também junto a políticos e personalidades civis. Marca para o dia 9 de Novembro uma reunião, a portas fechadas, no Clube Militar, precisamente quando o Governo oferece, na Ilha Fiscal, uma recepção de gala, com centenas de convidados, em homenagem à oficialidade do navio de guerra chileno, Almirante Cockrane.



9 de novembro de 1889 - Benjamin Constant reúne seus companheiros, no Clube Militar, horas antes de realizar-se a Assembléia Geral

Na reunião, entre outras providências, Benjamin designa o Major Serzedelo Correa para estabelecer contatos, durante o Baile, com o Almirante Wandenkolk e outros oficiais de marinha, sabido que a quase totalidade dos seus quadros era infensa à mudança do regime.

Serzedelo confabula com Wandenkolk e conclui que o apoio do Cap-Tenente Alexandrino de Alencar, Comandante do encouraçado Riachuelo e ex-irmão de Saldanha da Gama, pelo seu prestígio e liderança no seio da classe, devia ser conseguido a qualquer custo.

E ainda naquela noite, Serzedelo vai até o Cais Pharoux e freta um bote, que o leva ao Riachuelo, ancorado ao largo. Cumprindo a missão recebida, transmite fielmente o convite a Alexandrino. A resposta é pronta e incisiva: *"Diga ao Benjamin que conte comigo e com o meu navio."*

4 - A vitória do dia 15

À 1 hora da madrugada, Deodoro confirma às diversas unidades subordinadas que o movimento será desencadeado ao amanhecer, logo após o desembarque das forças navais, no Arsenal, comandadas por Alexandrino.

Às 9 horas, o General, com o seu Estado-Maior e escolta, aproxima-se do portão principal do Ministério do Exército. Tão logo aberto, é ele recebido no pátio interno, sob aclamações. E ao som do Hino Nacional, Deodoro declara proclamada a República.

Ref: "Alexandrino, o grande marinheiro"

- de Carlos Ramos de Alencar

- Serviço de Documentação Geral

da Marinha - Rio de Janeiro, 1989.

* Coronel QEMA Reformado - Cav36



D. Pedro II, D. Tereza Cristina e o Conde D'Eu sentados, já a bordo do Alagoas momentos antes da partida para Lisboa, em 17 de novembro de 1889